

AS TESES MÉDICAS MINEIRAS DO SÉCULO XIX: PERSPECTIVAS DE ANÁLISE DE UM CORPUS
DOCUMENTAL (1836 - 1897)

MINING MEDICAL THESES OF THE 19TH CENTURY: ANALYSIS OF PROSPECTECTS FOR A DOCUMENTARY CORPUS
(1836 - 1897)

Jean Luiz Neves Abreu*
jluizna@hotmail.com

RESUMO: A partir do “Banco de Theses de Médicos Mineiros”, disponível no Arquivo Público Mineiro (APM), o artigo busca analisar alguns aspectos desses textos, atentando para os elementos textuais que os compõem e para o exame de suas temáticas. A escolha desse corpus documental se deve à disponibilidade de um corpus documental já inventariado, como também a possibilidade de observar em que medida as teses seguiam determinados procedimentos inscritos nas regras do curso de medicina, bem como as possibilidades que oferecem para compreensão da inserção desse tipo de produção nos debates da medicina brasileira do século XIX.

PALAVRAS-CHAVE: Teses, medicina, século XIX.

ABSTRACT: From the "Banco de Theses de Médicos Mineiros", available on the Arquivo Público Mineiro (APM), the article seeks to analyze some aspects of texts, paying attention to the textual elements they contain and to examine their themes. The choice of this documentary corpus is due to the availability of a documentary corpus already inventoried, as well as the possibility to observe the extent to which theses followed certain procedures enrolled in medical school rules, and the opportunities they provide for understanding the insertion of this type production in the debates of the Brazilian nineteenth-century medicine.

KEYWORDS: Theses, medicine, XIX century.

* Doutor em História. Professor do Programa de Pós-Graduação em Gestão Integrada do Território e do curso de História da Univale.

Introdução

O campo da história da saúde do século XIX tem se mostrado profícuo pela diversidade de abordagens. Esse período é conhecido por marcar o processo de institucionalização da medicina no Brasil, por meio da criação de instituições de ensino, agremiações e periódicos médicos. Anteriormente atribuição do Protomedicato ou do Cirurgião-mor, a partir de 1832 a regulamentação da formação do médico tornou-se monopólio das faculdades de medicina (EDLER, FERREIRA, FONSECA, 2001)

Os processos de institucionalização do conhecimento médico ao longo do século XIX tem sido objeto de análise de outros estudos que enfatizam a relevância das sociedades e os periódicos nesse processo (FERREIRA, 2003; FERREIRA, 1997). Além das sociedades, jornais e periódicos, é importante atentar também para o espaço de formação dos médicos (EDLER Et all.,2001)

Considerando esses elementos ligados aos processos de validação do saber médico no oitocentos, cabe perguntar qual lugar ocupado pelas teses apresentadas à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Partindo da análise do “Banco de Theses de Médicos Mineiros”, disponível no Arquivo Público Mineiro (APM), busca-se analisar alguns aspectos desses textos, atentando para os elementos textuais que os compõem e para o exame de suas temáticas. Tal escolha se deve não só à disponibilidade de um *corpus* documental já inventariado, como também a possibilidade de observar em que medida as teses seguiam determinados procedimentos inscritos nas regras do curso de medicina, bem como as possibilidades que oferecem para compreensão da inserção desse tipo de produção nos debates da medicina brasileira do século XIX.

Formas de escrita e construção do conhecimento médico

A produção das teses de medicina figurava como uma obrigação para os alunos do curso de medicina ao final do sexto ano de curso, sendo um pré-requisito para a obtenção do título de doutor. "A exposição, geralmente, dividia-se em temas relacionados às diversas

cadeiras cursadas, constituindo-se de um ponto central (dissertação) e outros três acessórios (proposições), tendo por objetivo fixar idéias sobre temas específicos".¹

Diversos estudos se debruçaram sobre essas fontes com o propósito de abordar temáticas específicas da história da saúde, como a loucura, o alcoolismo, dentre outras temáticas. É o caso da pesquisa de Maria Elizabeth Carneiro (2006) sobre as amas-de-leite na sociedade carioca, entre 1850 e 1888, o qual explora essas fontes enquanto “saber-poder de esquadrihar corpos aleitadores e reprodutores”. Tendo como base as abordagens de Michel Foucault, a autora enfatiza o projeto normatizador do discurso médico em torno da mulher. Outros trabalhos se voltam para aspectos específicos, tais como o alcoolismo (SANTOS, 1995), a higiene nas escolas (GONDRA, 2012), dentre outros.

Sem desconsiderar o papel das abordagens que tomam as teses como parte de um processo de medicalização da sociedade ou se debruçam sobre temas específicos, é preciso considerar a especificidade da produção desses textos. Diferente dos artigos publicados em periódicos e outros impressos, as teses estavam inscritas na estrutura da Faculdade de Medicina. A esse respeito, José Gondra enfatiza a relevância de tomar as teses não apenas como fonte, mas enquanto objeto, levando em consideração o espaço, o tempo e as circunstâncias envolvidas na produção desses discursos. Na perspectiva desse autor, esses textos não devem ser vistos como um lugar da autoria individual e original, “sem levar em consideração os dispositivos de controle presentes na seleção, abordagem, construção e avaliação desses discursos” (GONDRA, 2004, p.113).

Dentre esses dispositivos, é preciso considerar os próprios elementos que compõem as teses e fornecem pistas para seu melhor entendimento. Afinal, a exemplo de um trabalho acadêmico, os alunos tinham que seguir determinadas regras para a construção do texto. As dedicatórias, agradecimentos, prefácios, a exposição e outros elementos textuais constituem parte componente dos temas ligados à abordagem das doenças e da saúde.

Conforme observa Palmira Fontes da Costa, os modos de apresentação do conhecimento médico exibem códigos e regras que condicionam o autor e o leitor. Além das convenções de gênero relativas a cada tipo de obra— a exemplo dos tratados de matéria médica, tratados anatômicos, observações médicas – a autora chama atenção para a importância dos elementos que estão para além do texto, tais como o frontispício, as dedicatórias a patronos e mecenas, poemas laudatórios, advertências ao leitor, dentre

¹ Texto de apresentação do acervo de teses médicas do Arquivo Público Mineiro. Disponível em: <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/news/article.php?storyid=20>. Acesso em 18/05/2015.

outros que percebem a comunicação entre o autor e o leitor (COSTA, 2011, p.20-21). A esse respeito, Magdalena Kozluk aborda o papel central que o discurso prefacial assumiu na época moderna, como um importante lugar de afirmação da figura do médico e de sua autoridade, bem como forma de comunicação (KOZLUK, 2010)

Embora tais análises se refiram a outros contextos, elas são úteis para a análise da produção do saber médico no século XIX. As informações que constam nos paratextos não devem ser vistas como contingentes, pois constituem um lugar de enunciação do autor e das regras a que esse estava submetido na constituição do saber médico. Na leitura das teses esses elementos textuais fornecem pistas sobre os significados que se revestiam as dissertações e as formas de apresentação do autor. Além disso, permitem adentrar no universo das relações que os alunos mantinham com os lentes da Faculdade de Medicina e outros setores da sociedade oitocentista.

Um exemplo é a tese de Antenor Guimarães, *A hygiene dos collegios applicavel aos nossos dias* (1858). Após o agradecimento a familiares e amigos de São João Del Rei, cidade onde nasceu, Antenor rendia homenagens ao “mestre e amigo” Dr. Francisco Ferreira de Abreu: “Vosso nome revela em minha tese a gratidão pelas maneiras delicadas e obsequiosas com que me haveis tratado, e minha admiração por um dos mais brilhantes talentos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro”.

Além de reforçar a ideia de hierarquia, a homenagem prestada indica também outros laços existentes entre o mestre e o discípulo. Essas informações, presentes nos prólogos e dedicatórias, permitem ao pesquisador aprofundar o estudo das possíveis relações estabelecidas entre os médicos da Faculdade de Medicina e os médicos mineiros que ali se formaram. Neste caso, até onde a pesquisa permitiu avançar, o Dr. Francisco de Abreu, além de reconhecido profissional, possuía relações próximas com a família real, sendo professor de física e química das princesas imperiais Izabel e Leopoldina e médico honorário da Imperial Câmara, em 1855. Pelos serviços prestados, recebeu carta de Mercê, em setembro de 1874, que o nomeava Barão de Teresópolis (FILGUEIRAS, 2004, p.351).

O Dr. Antenor Guimarães alcançou reconhecimento na Corte, sendo designado como Capitão-Tenente Médico da Armada Imperial na Guerra do Paraguai. Em sua *Historia medico-cirurgica da esquadra brasileira nas campanhas do Uruguay, e Paraguay de 1864 a 1869*, o Dr. Carlos Frederico dos Santos Azevedo tece comentários laudatórios à participação de Guimarães na guerra, o qual, “com a inteligência que todos reconhecem”, transformara cinco casas de palha que serviam de quartéis aos paraguaios em uma grande enfermaria” (AZEVEDO, 1870, p.230). A participação de Antenor no exército é um indicativo de prestígio das atividades do médico. Conforme observa Luiz Otávio Ferreira, o vínculo dos médicos com

as instituições militares era estratégica na obra de consolidação política no Império, ameaçado por tensões internas e externas (FERREIRA, 1994, p.64).

Não se sabe em que medida a mencionada amizade entre Antenor Guimarães e Francisco de Abreu contribuiu para que o primeiro continuasse a exercer o ofício de médico no Rio de Janeiro e tal fato contribuiu para sua participação na Guerra do Paraguai. De qualquer forma, essa é uma realidade plausível para o contexto das relações sociais na sociedade Imperial.

Na ausência de outras fontes, além das dedicatórias, as informações junto ao nome do autor permitem obter dados acerca de sua formação e trajetória. Por essa via, é possível saber que Antenor teve um filho, Eduardo Augusto Ribeiro de Andrade, o qual seguiu a carreira do pai. Junto ao seu nome consta ainda a informação de que havia sido ex-interno da enfermaria da clínica médica da faculdade e assistente do Laboratório de Fisiologia experimental do Museu e, ainda, professor de História Natural no Colégio Aquino. Sua formação foi coroada com a aprovação com distinção da dissertação sobre uso e abuso do café (GUIMARÃES, 1882, s/p).

Francisco de Paula Magalhães Gomes (1895), por sua vez, fez questão de mencionar as atividades exercidas por ele: doutor em ciências médico-cirúrgicas, farmacêutico e bacharel em ciências naturais e farmacêuticas pela Escola de Farmácia de Ouro Preto e correspondente do Dr. Taubert, do Museu Real de Berlim. Nas advertências ao leitor, menciona o nome de colegas com inserção em atividades científicas em Minas Gerais, a exemplo do Dr. Thomaz de Magalhaes Gomes, Lente catedrático da Escola de Minas de Ouro Preto; e Álvaro da Silveira, membro da Comissão Geológica de Minas Gerais.

O cruzamento desses dados com outros estudos e fontes pode permitir conhecer melhor a trajetória desses indivíduos, bem como a inserção ou não em atividades ligadas à saúde na Província mineira. Um dos alunos da Faculdade do Rio de Janeiro, que chegou a exercer seu ofício em Minas Gerais, foi Thomaz Baptista Pinto de Almeida. Ele prestou socorro à população do município de Baependi e da freguesia do Carmo na época da epidemia de cólera em Minas Gerais, durante a década de 1850, sendo sua atuação reconhecida pelas autoridades provinciais (FONSECA, 2014, p.96). No caso mencionado, a experiência com a epidemia do cólera não teve relação com o ponto escolhido para a dissertação, cujo tema era o ar atmosférico, no primeiro ponto; e o “regime mais conveniente à criação dos expostos da Santa Casa de Misericórdia”, no segundo (D’ALMEIDA, s/d).

Antônio Alves da Silva, natural de Pitangui (MG), dizia ter escolhido como tema a tuberculose pulmonar por ser uma moléstia frequente na cidade que lhe serviu de "berço" e fazer "chegar a alguns médicos do interior" da província de Minas Gerais os "estudos modernos feitos na Alemanha sobre a natureza parasitária da tuberculose" (SILVA, 1885, p.3). Como se vê, o futuro médico procurava utilizar dos conhecimentos adquiridos em sua formação e de sua tese como forma de divulgar o conhecimento acerca da tuberculose na Província onde nasceu.

O Dr. Antenor Guimarães também escolheu como objeto um assunto sobre o qual trataria no seu ofício, a higiene dos colégios. O médico foi um dos participantes das conferências populares da Glória, realizadas no Rio de Janeiro, ministrando, em 1874, um curso sobre higiene, composto de sete preleções (CARULA, 2014, p.82). Embora não mencionasse questões relativas à saúde em Minas Gerais, o tema escolhido indica proximidades entre sua formação e a área de atuação.

Assim como as dedicatórias, os prefácios e partes introdutórias possibilitam inferir sobre outros aspectos relativos à produção das teses. Não obstante a utilização desses elementos pré-textuais sejam menos recorrentes nesses textos quando comparadas a outras obras de medicina – como os manuais relativos à matéria médica publicados no século XVIII – nos prefácios temos acesso às intenções que levaram o autor a escolher a temática e de que maneira compreendiam o significado do trabalho da escrita.

Pelo exame dos prefácios, observa-se que nas teses de muitos médicos mineiros o trabalho de fim de curso não possuía grandes pretensões. Na maior parte das vezes não se tratava de defender uma teoria inovadora sobre a temática escolhida ou de aprofundar os debates sobre determinadas doenças.

Em tese de autoria desconhecida, *Hypoemia intertropical* (1875), o autor afirmava que o trabalho que escrevia era um “esboço, mais para satisfazer a lei, do que o prazer de exhibir à luz ideias nossas” e resultado de “esforços pouco produtivos de quem, ao muito desejo que tem de concorrer para o progresso da ciência em seu país”. Argumento semelhante é exposto na tese *Das influências das lesões cancerosas do útero sobre a prenhez e parto* (1882), também sem identificação autoral. Ao longo do texto apresenta-se ao leitor que o intento para a escolha do ponto “certamente não foi a de dar à luz da publicidade a última palavra da ciência” e sim apresentar um “trabalho pequeno, mas de tal ou qual valor clínico”.

No prefácio da dissertação sobre o tétano, Antônio Cândido de Assis Andrade (1882) não só repetia a fórmula de que o trabalho era para “satisfazer à lei”, como solicitava

benevolência de seus leitores. Essa era justificada em “nome da própria ciência, que em seu caminho precisa de apoio de legítimas autoridades”, sem o qual ninguém ousaria “afastar-se de uma ideia, para abraçar outras ideias, completamente novas”.

A escrita do trabalho não era destituída de importância por todos os médicos. João Pinheiro de Campos, apesar de reconhecer as dificuldades impostas pela tarefa, apresentava sua tese sobre as alianças consanguíneas como "cartão de ingresso" ao "tabernáculo da ciência para vestir a beca", reconhecendo o papel de distinção do médico e seu papel na sociedade (CAMPOS, 1891, p.3)

Desses excertos é possível depreender algumas observações ligadas aos significados das dissertações apresentadas à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Em primeiro lugar, nos casos mencionados os autores se colocam como discípulos humildes fazendo uso do *topos* retórico do auto-rebaixamento. Em segundo, o texto tinha por objetivo atender a uma obrigação curricular. Em muitas teses, a fórmula “atender a lei” aparece conjuntamente com a perspectiva de que não houve tempo para aprofundar o tema escolhido ou que não havia pretensão em trazer à tona inovações no campo do conhecimento. Não obstante, reconhecia-se a escrita como rito de passagem, forma de se inserir na comunidade dos médicos formados no Rio de Janeiro.

Sobre esses aspectos presentes nos textos cabem algumas considerações. A ausência de discussões e debates no interior de muitas teses não devem ser vistos como sinal de ausência um conhecimento válido. Afinal, no interior da formação dos médicos elas cumpriam um papel. Os alunos defendiam o caráter científico da exposição, pois as conclusões se fundamentavam em autoridades e obras que eram citadas ao longo do texto. Nesse aspecto, cabe observar que a citação de autores consagrados pela tradição, como Hipócrates e Galeno, bem como a incorporação de estudos do século XIX sobre determinada doença, tinham por finalidade a demonstração do conhecimento das teorias existentes e apreendidas nas cadeiras do curso. De certo modo, esse procedimento de narrar a história de uma doença recorrendo a autores e expor as teorias até então existentes era comum a vários tratados de medicina luso-brasileira. Naquele contexto, tais elementos constituíam marcas não só de erudição, como também de cientificidade aos textos (ABREU, 2013).

Além disso, a escolha do assunto muitas vezes era restrita a um conjunto de pontos pré-estabelecidos pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Conforme observa José Gondra, a escrita passou a ser cada vez mais uma prática regulamentada no interior da Faculdade. Nos estatutos de 1837, as teses poderiam versar sobre qualquer matéria do curso. Nos estatutos de 1874, as regras de apresentação passaram por mudanças e a apresentação dos trabalhos “consistiria em proposições concernentes a três questões,

sendo cada uma relativa a cada seção do curso médico”, desde que aprovadas pela Congregação. Na reforma de 1884 foi mantido o controle da congregação sobre os pontos, devendo as teses versar sobre as “doutrinas importantes das ciências professadas na faculdade” (GONDRA, 2004, p.135-136).

Apesar dos constrangimentos institucionais que pesavam sobre a pena dos médicos na escolha do assunto, é relevante observar que os trabalhos não se limitavam à reprodução das teorias ou glosa dos autores. As teses também eram úteis para destacar o papel de certos elementos específicos na formação do médico e valorização de um saber local.

A “cor local”

“Como se deduzirá da leitura de nosso trabalho, procuraremos tanto quanto possível dar-lhe uma cor local, preferindo sempre os fatores observados na nossa pátria” (BRAGA, 1876, p.7). A afirmação de João de Freitas Rodrigues Braga, extraída de sua tese sobre lesões traumáticas do cérebro, aponta para um componente importante presente em diversas teses do século XIX: a ênfase a questões específicas sobre a qual se debruçavam os médicos no Brasil.

No caso de Rodrigues Braga, embora se reportasse a vários autores estrangeiros para tratar dos casos de lesões no cérebro, mencionava os casos específicos que teve a oportunidade de observar durante sua formação, a exemplo de uma “preta” que se encontrava na enfermaria de cirurgia do hospital da Santa Casa da Misericórdia, no Rio de Janeiro, e que portava uma lâmina externa na cabeça. Refere-se igualmente a outros casos descritos pelos médicos da Faculdade de medicina do Rio de Janeiro, como o do Dr. Caetano de Almeida, examinador de anatomia; e o Dr. Costa Lima, considerado uma das “glórias mais legítimas da cirurgia brasileira” (Ibidem, p.16-17). Durante a exposição sobre as lesões no cérebro e as formas de tratamento, Rodrigues Braga se fundamenta não somente nos textos de medicina estrangeiros sobre o assunto, como recorre aos periódicos médicos produzidos no Brasil, mencionando um número do *Archivo medico brasileiro*, publicado em 1845.

A publicação citada por Rodrigues Braga também ia ao encontro de revelar a “cor local” da medicina no Brasil. Conforme afirmava o Dr. Lapa, no editorial de 1845, o periódico

Ocupando-se tão somente dos interesses da arte de curar, à medida que pusesse patentes os trabalhos- clínicos, e as lucubrações dos facultativos brasileiros, servisse, outrossim, de acordá-los do torpor e descuido, em que

parece fazer, e mostrasse ao mundo que entre nós também se cultiva, e por ventura com aproveitamento, a divina e nobilíssima ciência de Hipócrates; tal foi o pensamento que me levou a empreender a fundação do Arquivo Medico Brasileiro (ARCHIVO MEDICO BRAZILEIRO, 1845, p.1).

A referência a autoridades brasileiras pode ser vista como um elemento de valorização da ciência local, das experiências clínicas e trabalhos publicados pelos médicos brasileiros. Em sua dissertação sobre o paludismo, Azarias Monteiro de Andrade citava como referência o médico brasileiro Torres Homem, a quem considerava o *primus inter pares* da medicina Brasileira (ANDRADE, 1897, p.8).

João Vicente Torres Homem (1837-1887) foi um dos mais destacados clínicos do século XIX no Brasil, sendo integrado aos quadros da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1860, para o lugar de Opositor da Seção de Ciências Médicas. Da sua trajetória no interior da instituição merecem destaque os concursos que prestou para a cadeira de Clínica Médica, para a qual foi nomeado em 1866. Além de sua atuação na no ensino, Torres Homem publicou trabalhos sobre temáticas diversas na *Gazeta médica do Rio de Janeiro* (FERREIRA, 1994, p.58-71). A leitura das teses indica que a autoridade de Torres Homem era reconhecida não somente entre seus pares, como também entre os alunos.

Um dos discípulos de Torres homem foi Paulino José Gomes da Costa (1873), que escolheu como ponto da cadeira de Clínica Médica o tema *Das indicações e contra-indicações do bromureto de potássio no tratamento das moléstias nervosas*. Além de ser dedicada a seu mestre, a tese fazia referência ao fato de que ele teria sido o primeiro médico brasileiro a aplicar o Brometo de Potássio como medicamento.

Outro a prestar homenagens a Torres Homem e mencionar suas experiências foi João Capriano Carneiro. Ao tratar da insuficiência cardíaca, o futuro médico informava que conhecia "inúmeras observações" que o mestre colheu em sua clínica, em particular duas a respeito da deficiência aórtica e a lesões do coração (CARNEIRO, 1882, p.5).

De fato, o professor Torres homem havia se dedicado ao assunto, publicando *Duas lições de clínica médica, feitas no hospital da Santa Casa da Misericórdia nos dias 7 e 11 de maio de 1868*, sobre um doente de insuficiência das válvulas aórticas acompanhada de hipertrofia e dilatação do coração. João Capriano Carneiro utilizava-se das experiências de seu mestre para referendar a tese de que uma das causas das deficiências da aorta era o abuso da bebida alcohólica: "O Dr. Torres Homem acredita muito na influência do álcool, e diz mesmo que uma das causas dos aneurismas da aorta nos habitantes desta capital é o abuso que fazem das bebidas alcohólicas" (CARNEIRO, 1882, p.10).

Além das referências a Torres Homem, outros médicos exerceram influência sobre os alunos e na apropriação das teorias médicas em voga. Em tese sobre a anatomia patológica da febre amarela, Francisco Augusto Cezar expõe no prefácio seu método de trabalho. Seu objetivo era escrever a teoria da febre amarela fundamentado na obra de seu “mestre”, o Dr. Domingos Freire, bacteriologista de repercussão nacional e internacional.² Embora não tenha conseguido concluir o trabalho inicial, o futuro médico afirmava que para escrever a dissertação, além de recorrer a autores estrangeiros e nacionais, procurava expor as observações colhidas das autópsias realizadas no hospital da “Jurujuba”. Os exames microscópicos foram realizados pelo próprio Augusto Cezar e demais companheiros, sob a supervisão do Dr. Freire, responsável também pela cultura dos micróbios (CEZAR, 1885, p.2). Conforme indica a tese apresentada por Francisco Augusto Cezar, a difusão desses princípios envolvia um trabalho colaborativo, passando pela incorporação dos alunos às pesquisas em torno dos micróbios.

Além do reconhecimento das pesquisas e da atuação dos médicos brasileiros, algumas temáticas escolhidas apontam que os alunos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro abordaram questões comuns à agenda da medicina acadêmica no século XIX. Uma delas dizia respeito à influência do clima do Brasil sobre os costumes e as enfermidades.

O clima e a natureza brasileiros foram objetos de debates sobre a viabilidade ou não da civilização no Brasil durante o século XIX. Além de envolver os letrados, tais debates mobilizariam também os médicos. Conforme aponta Lorelai Kury (1994), as posições dos médicos reunidos em torno da Academia Imperial de Medicina no Rio de Janeiro acerca da natureza tropical foram marcadas pela ambivalência, pois a exaltação do clima tropical era acompanhada de uma perspectiva detratora, relacionada às suas influências sobre as enfermidades.

A maior parte dos médicos da Academia se formou em Paris e se tornaram professores da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, a exemplo de Cruz Jobim. Além das posições dos médicos e sua influência exercida junto aos alunos, uma ampla literatura médica, em sua maioria constituída de autores franceses e ingleses, acabava por reforçar determinadas posições. Em sua tese sobre disenteria, defendida em 1874, Ignacio de

² Domingos Freire de Andrade foi um bacteriologista de repercussão nacional e internacional, tendo seus estudos e o desenvolvimento de uma vacina sobre febre amarela se tornado motivo de sua projeção e controvérsias, conforme analisa Jaime Benchimol (1995). As descobertas de Koch e Pasteur ocorreram de forma descontínua a partir do último quartel do século XIX. Na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, muitos médicos se mostrariam interessados pelos aspectos experimentais da medicina, voltando suas atenções para a microbiologia (TEIXEIRA, 1995, p.22).

Carvalho Resende retomava o lugar comum da relação entre os trópicos e a ocorrência de determinadas doenças. Segundo afirmava, embora se manifestasse em outras regiões do globo, nos climas quentes a disenteria se “manifesta com maior intensidade e frequência” (RESENDE, 1874, p.3). Em acordo com a literatura estrangeira em voga, o autor observava que a ocorrência da moléstia era endêmica nos países com clima quente, como os da América do Sul e algumas possessões inglesas, holandesas e francesas. Para isso, concorriam diversos fatores, como o solo, a vegetação, o ar e os preceitos de higiene da população. Desenvolve ainda a tese da influência dos miasmas como um dos fatores do desenvolvimento da doença (Ibidem, p.20-23).

Tendo escolhido o mesmo ponto para sua tese, Sebastião Martins Villas Boas Cortes procurou relativizar alguns aspectos do determinismo climático. A escolha do tema era justificada mediante a patologia ser própria "ao nosso clima" e em razão da maior suscetibilidade mórbida que os imigrantes possuíam. Embora reconhecesse que a disenteria era uma doença mais recorrente nos países quentes, essa se manifestava também nas zonas temperadas. Divergindo da opinião sustentada por José Ignacio de Resende, ao longo da dissertação Sebastião Villas Boas Cortes afirmava que no Brasil, "apesar da posição geográfica", raramente a disenteria assumia a forma epidêmica, excetuando os casos benignos das epidemias ocorridas no Rio de Janeiro em 1862 e 1863 (CORTES, 1890, p.6).

O autor concluía que o fator climatológico - a "elevação isolada de temperatura" - por si só não era um elemento determinante e sim predisponente. A patologia era explicada mediante uma diversidade de fatores, incluindo as causas bromatológicas e infecciosas. Neste último caso, tratava-se da influência das "infecções de atmosfera", conforme o estudante havia aprendido nas lições de clínica médica do professor Torres Homem. Em consonância com a teoria microbiológica, explica-se o caráter contagioso da disenteria pela ocorrência de germes, fazendo menção aos estudos de Koch e outros bacteriologistas que observaram microrganismos nas lesões intestinais (Ibidem, p.19-20).

A perspectiva adotada por José Ignacio de Resende ia ao encontro da propugnada por vários médicos, que buscavam revisar os tratados europeus de patologia e higiene. Conforme observa Flávio Coelho Edler (2009), um dos traços da originalidade da medicina brasileira do século XIX residiu na atualização da pauta higienista e anatomoclínica europeia, atenuando os fatores climáticos predisponentes e adotando uma perspectiva otimista em relação à aclimação.

Os debates no âmbito da medicina acadêmica adentravam a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e reverberavam nas teses escritas pelos alunos. Exemplar a respeito foi o debate sobre a hipolemia intertropical e suas causas, que envolveu dois grupos de médicos

distintos: um reunido em torno de Otto Wucherer, representante da Faculdade de Medicina da Bahia, e outro ligado à Academia Imperial de Medicina. Conhecida como opilação e cansaço, a doença era caracterizada pela “lesão principal que dava um suporte orgânico aos sintomas e sinais — hipoemia, aglobulia sangüínea —, e o elemento etiológico preponderante — o clima intertropical”. (EDLER, 2004, p.55). Conforme demonstra Edler (2004), a validação de um conhecimento acerca da hipoemia intertropical teve um papel preponderante da Academia Imperial de Medicina. Os médicos reunidos em torno da Academia desenvolveram uma série de protocolos metodológicos que constituíam normas e regras que atuavam na validação do saber médico. A credibilidade científica era ainda constituída pela formação em instituição reconhecida e participação em fóruns acadêmicos, aspectos que explicam o prestígio de um Torres-Homem como professor de clínica médica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

A discussão sobre a hipoemia foi objeto de algumas teses da Faculdade de Medicina. No tocante ao *corpus* documental aqui analisado, três dissertações apresentadas à instituição se debruçaram sobre o assunto. Uma delas foi apresentada por Antonio Felício dos Santos Júnior (1863), ex-aluno pensionista da Santa Casa de Misericórdia e interno de Clínica médica da Faculdade.

Ao longo da exposição, Santos Júnior faz menção aos estudos de médicos estrangeiros sobre a hipoemia, como Dazille. Entretanto, ressaltava que o melhor trabalho escrito sobre a moléstia pertencia ao Brasil, fazendo alusão ao escrito por Cruz Jobim, *Sobre as moléstias que mais afligem as classes pobres do Rio de Janeiro* (1835). Segundo afirmava, “as lesões anatômicas, as causas e os sintomas foram bem estudados pelo distinto acadêmico, a quem faltavam os conhecimentos atuais de anatomia patológica para que seu trabalho fosse completo”. Desdenhava ainda dos estudos de Imbert e Sigaud, os quais restringiam a copiar e traduzir para o francês o trabalho de Cruz Jobim. Sobre a obra do Dr. Rendu, autor de um artigo sobre a opilação, publicado nos *Études médicales sur le Brésil*, considerava se tratar “antes uma sátira do que um tratado médico” Após apontar outros erros em estudos de médicos estrangeiros, concluía que o Dr. Souza Costa, ao publicar *Da opilação considerada como moléstia distinta da cachexia paludosa, e completamente independente do miasma paludoso*, teve um “progresso real no estudo da hypoemia” (SANTOS JÚNIOR, 1863, p.2-3).

Perspectiva semelhante foi adotada em outra dissertação sobre a hipoemia (1875), sem autoria identificada. Embora recorra à fórmula de que escrevia para “satisfazer a lei”, no prefácio o autor enfatiza a importância do estudo da moléstia, conhecimento das causas, sintomas e terapêuticas para o “adiantamento da ciência no Brasil”. Além de copilar e comentar as teorias de autores estrangeiros e nacionais, destacou as observações clínicas e

às autópsias realizadas durante os anos de 1874 e 1875, no anfiteatro da Faculdade de Medicina, instrumento de comprovação da coincidência entre a doença e a presença do ancilóstomo duodenal.

Em outra tese apresentada à Faculdade no mesmo ano, Antônio Teixeira de Souza Magalhães comenta os trabalhos dos médicos brasileiros sobre a hipoemia. Segundo apontava, a opinião do Dr. Felício dos Santos era "o trabalho mais perfeito até então", além de mencionar as observações do Dr. Souza Costa (MAGALHÃES, 1875, p.5). No decorrer da exposição, o autor se fundamenta na discussão da literatura, diagnosticando o quadro anátomo patológico como chave da patogenia descrita.

De forma geral, as posições defendidas nessas teses não somente atestam um conhecimento da literatura produzida sobre a temática, como também uma valorização dos trabalhos nacionais, em detrimento da literatura médica estrangeira. Ademais, não se pode esquecer que a exposição de suas ideias estava ligada ao constrangimento institucional da Faculdade de Medicina e da identificação com seus pares, aspectos a serem levados em consideração na elaboração das teses, conforme já anteriormente sublinhado.

Se por um lado, do ponto de vista quantitativo as teses escritas pelos médicos mineiros não indiquem uma ênfase sobre determinados temas próprios de uma agenda médica brasileira; por outro lado, nos exemplos acima é possível observar a influência dos estudos feitos por médicos brasileiros, da experiência clínica e como os debates da medicina do século XIX acabam por adentrar na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Tais aspectos são indicativos de que, conforme propõe Edler (2004), essa instituição não cumpriu um caráter ornamental na produção do saber médico, pois estava implicada nos processos produção e validação do conhecimento médico brasileiro, ao lado da Academia Imperial de Medicina.

De acordo com a análise empreendida por esse autor, o processo de institucionalização da medicina acadêmica no Brasil "pode ser definido em boa medida como a adaptação às condições nacionais dos modelos fornecidos pelo figurino europeu", mas também como resultado de outros elementos que agiram paralelamente, "particulares à história nacional" (EDLER, 2011, p.212-213). As reformas realizadas na última década do Império – marcadas pelos avanços da especialização médica – combinaram o ideal universalista de uma medicina experimental a um programa médico destinado ao exame das nosologias e terapêuticas nacionais (EDLER, FONSECA, FERREIRA, 2001, p.68).

As questões suscitadas pela historiografia em torno da constituição da medicina no Brasil do século XIX contribuem para a leitura das teses médicas produzidas naquele

contexto. No lugar de figurarem como uma forma de produção do conhecimento que se pretendia original, esses textos respondiam a determinadas práticas e regras no âmbito da Faculdade de Medicina. Além disso, essa produção espelhava, em certa medida, determinados debates próprios da constituição do saber médico naquele contexto. Para além disso, conforme buscou-se abordar ao longo desse artigo, do ponto de vista metodológico essas fontes permitem abordar aspectos que dizem respeito à formação, relações sociais e atuação dos médicos mineiros.

FONTES

ANDRADE, Antônio Cândido De Assis. *Tétano*. Tese. Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Typographia De J. D. De Oliveira, 1882.

ANDRADE, Azarias Monteiro de. *Estado clínico das manifestações larvadas do paludismo*. Tese. Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Typographia Bernard Frères, 1897.

ARCHIVO MEDICO BRASILEIRO. *Gazeta mensal de medicina, cirurgia e ciencias acessórias*, n. 1, Set. 1845, p.1.

AZEVEDO, Carlos Frederico dos Santos Xavier. *Historia medico-cirurgica da esquadra brasileira nas campanhas do Uruguay, e Paraguay de 1864 a 1869*. Rio de Janeiro: Typografia. Nacional, 1870, p.230.

CAMPOS, João Pinheiro de. *Das Allianças Consanguineas: Sua Influência Sobre O Physico Moral E Intellectual Do Homem*. Tese. Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Imprensa Montalverne A Vapor, 1891.

CAPANEMA, Gustavo Xavier da Silva. *Dos pântanos considerados como causa da moléstia*. Tese. Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança, 1870.

CARNEIRO, João Capriano. *Insufficiencia aórtica*. Tese. Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Typographia Universal de H. Laemmert & C., 1882.

CORTES, Sebastião Martins Villas Boas. *Dysenteria*. Tese. Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Typographia De Miranda & Almeida, 1890.

COSTA, José Paulino Gomes da. *Das indicações e contra-indicações do bromureto de potássio no tratamento das moléstias nervosas*. Tese. Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Typographia Academica, 1873.

D'ALMEIDA, Tomaz Baptista Pinto. *Do ar atmosférico, sua composição e modo de o analisar*. Tese. Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Typographia Universal De Laemmert, 1857.

Das influências das lesões cancerosas do útero sobre a prenhez e parto. Rio de Janeiro: S.L, 1882.

GOMES, Francisco de Paula Magalhães. *Contribuição para o estudo das leguminosas no Brasil*. Tese, Faculdade de Medicina e de Pharmacia do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Typographia Montenegro, 1895.

GUIMARÃES, Antenor A. R. *A hygiene dos collegios applicavel aos nossos: esboço das regras principaes tendentes á conservação da saude e ao desenvolvimento das forças phisicas e intellectuaes, segundo as quaes se devem reger os nossos collegios*. Rio de Janeiro: Typographia Imparcial de J. M. Nunes Garcia, 1858.

GUIMARÃES, Antenor Augusto Ribeiro. *Dissertação Sobre Hygiene Nos Collegios: Esboço Das Regras Principaes, Tendentes A Conservação Da Saúde, E Ao Desenvolvimento Das Forças Phisicas E Intellectuaes Segundo As Quaes Se Devem Reger Os Nossos Collegios*. Tese. Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Typographia Imparcial De J. M. Nunes Garcia, 1858.

GUIMARÃES, Eduardo Augusto Ribeiro. *O uso e o abuso do café*. 1882. Tese (Doutorado em Medicina) - Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Typographia de J. D. de Oliveira, 1882.

HOMEM, João Vicente Torres. *Duas lições de clínica médica, feitas no hospital da Santa Casa da Misericórdia nos dias 7 e 11 de maio de 1868, sobre um doente de insuficiência das válvulas aorticas, acompanhada de hypertrophia e dilatação do coração*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1868

Hypoemia intertropical. Rio De janeiro: S.L, 1875.

RESENDE, José Ignácio de Carvalho. *Dysenteria*. Tese. Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio De Janeiro: Typographia Cinco De Março, 1874

Santos Júnior, Antônio Felício Dos. *Hypoemia intertropical*. Tese. Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro Typographia Da (Actualidade), 1863.

SILVA, Antônio Alves Da. *Tuberculose Pulmonar*. Tese. Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Thypographia da Gazeta de Notícias, 1885.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Jean Luiz Neves. Tratados e construção do saber médico: alguns aspectos dos paratextos nos impressos de medicina luso-brasileiros - século XVIII. *Territórios e Fronteiras (Online)*, v. 6, p. 21-34, 2013.

BENCHIMOL, Jaime L.. Domingos José Freire e os primórdios da bacteriologia no Brasil. *Hist. cienc. saúde-Manguinhos*[online]., v.2, n.1, pp. 67-98, 1995.

BRAGA, João de Freitas Rodrigues. *Das lesões traumáticas do cérebro*. Rio de Janeiro: Typographia

CARNEIRO, Maria Elizabeth. Procura-se “Preta, com muito bom leite, prendada e carinhosa”: uma cartografia das amas-de-leite na sociedade carioca oitocentista (1850-1888). Tese (Doutorado em História), UNB, 2006.

CARULA, Karoline . Espaços públicos de vulgarização científica na capital imperial (1870-1889). *História Unisinos*, v. 18, p. 78-90, 2014, p.82.

COSTA, Palmira Fontes da. “Os livros e a Ordem do saber médico: perspectiva historiográfica”. In: COSTA, Palmira Fontes da, CARDOSO, Adelino (Org.) *Percursos na história do livro médico (1450-1800)*. Lisboa: Edições Colibri, 2011, p.5-22.

[EDLER, Flávio C.](#) *Medicina no Brasil Imperial: clima, parasitas e patologia tropical*. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz Editora, 2011.

EDLER, Flávio. C. A natureza contra o hábito: a ciência médica no Império. *Acervo* (Rio de Janeiro), v. 22, p. 153-166, 2009.

EDLER, Flávio C.; FERREIRA, L. O.; FONSECA, M. R. F. A Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. In: Maria Amélia M. Dantes. (Org.). *Espaços da Ciência no Brasil (1830 - 1930)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001, p.59-82.

FERREIRA, Luiz Otávio . João Vicente Torres Homem: descrição da carreira médica no século XIX. *Physis*. Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 4, n.1, p. 57-78, 1994.

FERREIRA, Luiz Otávio; MAIO, Marcos Chor e AZEVEDO, Nara. A Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro: a gênese de uma rede institucional alternativa. *História, ciência, saúde- Manguinhos* [online]. 1997, vol.4, n.3, pp. 475-491; ¹ FERREIRA, Luiz Otávio. Medicina Impopular. Ciência médica e medicina popular nas páginas dos periódicos científicos (1830-1840). In: CHALHOUB, Sidney. (Org.). *Artes e ofícios de curar no Brasil: capítulos de história social*. 1ed. Campinas: Editora Unicamp, 2003, v. 1, p. 104.

FILGUEIRAS, Carlos. A. L. A Química na Educação da Princesa Isabel. *Química Nova*, São Paulo, v. 27, p. 349-355, 2004.

FONSECA, Ana Carolina R. “O flagelo que nos ameaça”: o cólera na província mineira, epidemia e mobilização social (1855-56). Dissertação de mestrado, Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2014, p.96

KOZLUK, Magdalena. Sedulus, fidus, dignus honore, vigil, varietas et construction de la figure du médecin dans la préface médicale à la Renaissance. *Rhetorica: A Journal of the History of Rhetoric* Vol. 28, pp. 429-432, n. 4 (Autumn 2010).

KURY, L. B. . Entre Nature Et Civilisation: Les Médecins Brésiliens Et L'Identité Nationale. *Cahiers du Centre de Recherches Historiques*, Paris, v. 12, p. 159-172, 1994.

SANTOS, Fernando Sérgio Dumas dos. Alcoolismo: a invenção de uma doença. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1995.

TEIXEIRA, LA. *Ciência e Saúde na terra dos bandeirantes: a trajetória do Instituto Pasteur de São Paulo no período 1903 – 1916* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1995.

Verbetes “Abreu, Francisco Ferreira de”. Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930), Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/abreufnanfer.htm>, Acessado em 27/03/2015